

## EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos ao público este terceiro número da REVISTA XIX, Artes e Técnicas em transformação. Cronologicamente, como sabemos todos, o século XIX começa em 1 de janeiro de 1801 e se termina em 31 de dezembro de 1900. No entanto o século XIX enquanto conceito pode variar da sua dimensão cronológica, por exemplo, em termos eurocêntricos pode tanto começar no fim do Império napoleônico ou do Congresso de Viena, ou seja 1815; quanto na Revolução Francesa, 1789 e se estender ao início da Primeira Guerra Mundial, logo 1914; o que equivale a dizer que existe conceitualmente falando um longo século XIX que espelha as necessidades temáticas de pesquisa das Artes, da Filosofia, e das Técnicas. Mas o que propõe o presente número?

Acolher, inicialmente, um **dossiê** sobre usufruto, privações e repercussões, que busca novos olhares sobre o colonialismo, tema de grande importância no contexto do século XIX, porque durante este período há indiscutivelmente uma ressignificação do termo que se transforma e adquire novos referentes, é deste modo que somos brindados por um texto de Luiz Paulo Ferreira Nogueiról.

Visitar um século do passado não é apenas descrevê-lo, mas sobretudo olhá-lo do presente com percepções atuais que o esclarecem e ao mesmo tempo iluminam o futuro. É disto que nos fala Seloua Luste Boulbina, quando sublinha a necessidade do olhar sobre o outro, para assim mostrar uma transformação tanto epistemológica quanto antropológica dos saberes que migram dos seus lugares de fala originais, o que faz com que surja a necessidade do gesto descolonizador do presente. Na sequência temos Jean Khalfa que nos fala de Fanon e seu humanismo paradoxal.

Comparar extremos é uma maneira de esclarecer e de aproximar regiões geograficamente tão distantes como a Lapônia e a Amazônia. O ato de misturá-las em seus elementos fantasiosos e sentimentais permite a observação dos elementos sociais e dos seus registros etnográficos. Como comunidades afastadas dos modos de vida modernos são subliminarmente influenciadas, afetadas, pelo desenvolvimento industrial. Pedro Alvim em sua narrativa destaca tudo isso e ainda evoca o exotismo pelo seu viés anedótico para falar para além dos especialistas e tocar um público mais amplo, culto e curioso.

Buscar novos olhares sobre o século XIX, em particular o colonialismo, nos faz chegar à obra esquecida de Afonso de Castro (1825–1885), que retratou, através de uma narrativa literária a ação colonial portuguesa na Oceania. São crônicas que tocam a memória e evocam o lamento do esquecimento, tocando de certa forma a inconsequência de um importante império

colonial que a esse tempo se reorganiza. É assim que Hélio José Santos Maia arqueologiza na busca de explicações sobre o atraso educacional da região e ao mesmo tempo aponta para o papel dos Dominicanos na dominação colonial portuguesa.

Mostrar ainda as narrativas dos viajantes europeus pelo mundo de além Europa. Claudine Franchon nos fala de um destes, mas não qualquer um, mas do grande escritor Jules Verne (1828–1905). Isso permite falar das representações textuais da África que conduzem a uma certa recepção/percepção desta região na Europa. *Cinq semaines en ballon* é uma novela que retrata tudo isso, analisá-la permite uma reflexão muito além do texto, quase que metafísica, cuja importância transcende a produção intelectual, evoca as viagens não descritas da era pré-colonial, reflete criticamente sobre questões de logística, descobertas científicas e progressos técnicos, sem esquecer o desprezo aos seres vivos nesta região.

A revista traz dois **ensaios**. Beatriz Gil nos fala de F. R. Chateaubriand e as rotas de viagem; Carla Guimarães Hermann aborda o panorama carioca em Londres. Em um outro registro, retorna-se à questão da representação do externo à Europa do século XIX. O primeiro ensaio retrata as inspirações do autor em suas viagens a América e ao Oriente como pretexto de criação de personagens e intrigas, que serve para a formulação literária do ser perdido na vastidão do mundo; o homem errante, atormentado pelas mudanças e incertezas subsequentes à Revolução Francesa. O segundo relata o panorama carioca em Londres, *Description of a view of the city of St. Sebastian, and the bay of Rio de Janeiro* que nos provê de informações relevantes sobre uma pintura monumental que se perdeu no transcurso do tempo e aponta para relações essenciais do seu entendimento.

Encerrar o presente número com a **tradução**, arte difícil que requer muita sensibilidade e contextualização. A primeira, comentada, de Felipe Vale da Silva, focada na ficção histórica norte-americana: *Philip of Pokanoket: an Indian memoir* (1814), de Washington Irving; a segunda, de Guilherme Santos, traz o diálogo de Victor Hugo com Cuba, que permanece atual.

Provocar a ponto de ter deixado os leitores curiosos.

Desejar a todos boa leitura.